

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado*

Class.: RO 76

Data: 21.01.83

Pg.: _____

Veja como tudo começou. Promiscuidade

Há vários dias, a imprensa rondoniense vem explorando as denúncias de promiscuidades e orgias sexuais na Casa do Índio, envolvendo funcionários da Funai, delegacia de Rondônia. As acusações são da Índia Neide Karitiana, de 19 anos e vítima, segundo ela, das arbitrariedades acintosas do delegado Benamour Brandão Fontes.

O assunto polarizou a opinião pública, a ponto de políticos e entidades de defesa dos direitos humanos se manifestarem contra a delegacia regional da Fundação Nacional do Índio, exigindo da Funai o esclarecimento dos fatos, o que não foi feito até agora em função da morosidade com que a sindicância vem se desenvolvendo. A Funai continua omissa, na expectativa da conclusão do inquérito instaurado para apurar tais denúncias. Benamour é quem diz: "não tenho nada a declarar". Assim como o delegado da Funai, os funcionários envolvidos também se omitem em dar qualquer informação sobre o assunto.

A Sociedade Rondoniense de Defesa dos Direitos Humanos (SDDHR), Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e o presidente da Comissão regional provisória do Partido Democrático Trabalhista (PDT),

médico e político Kurt Itamar Kettenhuber, manifestaram seu repúdio, exigindo maiores esclarecimentos por parte dos denunciados, assim como preconizam que se preservem a dignidade da pessoa humana. E, a Índia é humana, por excelência. A UBE desconhece isso.

A União Brasileira de Escritores (UBE, de Rondônia), individualizada na pessoa da presidente Kléon Maryan, foi a única entidade que se posicionou contrária às denúncias da Índia Neide Karitiana, defendendo não a Funai, mas os dois principais envolvidos: médico José Américo e o delegado regional Benamour Brandão Fontes. Pelo menos é o que ficou caracterizado com a nota divulgada. Ficou patenteado, ainda, que a escritora Kléon Maryan está usando a UBE - que nada tem a ver com o episódio, para defender (com subterfúgio) os interesses de uma minoria, em detrimento de uma maioria que clama por justiça, numa verdadeira atitude contraproducente.

Ao personalizar seu artil, Kléon Maryan critica a imprensa e todos os que estão a favor da Índia e contra a Funai. É sabido, entretanto, que os jornalistas não entram no mérito da questão, porque a

eles cumpre o papel de bem informar, com imparcialidade e sem coação. E, é exatamente isso que se tem feito ultimamente.

Pois, bem. Tudo começou quando a Índia Neide Karitiana, ex-estagiária de enfermagem da Casado Índio, denunciou promiscuidades e orgias sexuais, das quais também foram vítimas outros indígenas, segundo suas acusações. José Américo, Benamour Brandão Fontes e Osman de tal, os denunciados, os infratores, até prova em contrário. Salamão, Mariquinha e Neide Karitiana, as vítimas. Entretanto, existem outros denunciados e outras vítimas, em menor escala de importância.

Retroagindo, Neide Karitiana denunciou tudo de errado que existe na Funai, desde quando tinha apenas 13 anos, hoje tem 19, quando foi abordada, ainda em sua aldeia, pelo sertanista Benamour que, com propostas indecorosas (e a sós) tentou seduzi-la, tendo inclusive pegado em seus seios. Na oportunidade do incidente, há aproximadamente seis anos, ela foi ameaçada de represália, caso denunciasse o fato à Funai. Ela se calou, sob coação. Com o passar dos tempos, segundo suas próprias acusações, ela acumulou tudo passiva-

mente, até que, não suportando as veleidades dos funcionários do órgão, principalmente do delegado Benamour, desabafou. Reagiu para "defender os interesses do meu povo. Afinal, eles (meus colegas índios) também reclamam" das arbitrariedades do atual delegado da Funai.

Segundo se especula, os dois depoimentos já tomados são contrários ao delegado. Salamão e Mariquinha, em seus depoimentos, acusam Benamour Brandão Fontes de manter relações sexuais com índias. Mariquinha Karitiana é mulher de Salamão. Ela, ao depor, confirma que foi estuprada. Chateado, Salamão diz que já sabia, e pede providências, embora a Funai relute em não tomá-las.

A escritora Kléon Maryan se precipitou ao emitir considerações, em nome da UBE, mesmo antes da conclusão da sindicância, inocentando o médico José Américo e o delegado Benamour, afirmando conhecer a reputação ilibada de ambos; ao mesmo tempo em que condenava o comportamento democrático da Índia Karitiana. Não satisfeita, Kléon insiste em criticar os jornalistas, abrindo uma polêmica controversa - por enquanto, porque a conclusão da sindicância deverá calar a bo-

ca "dos todo-poderosos", como assim espera a vítima, que denunciou as falcatruas da Funai.

Não se sabe, todavia se a UBE vem acompanhando de perto o inquérito instaurado. Evidentemente, que não, porque isso deve ser um sigilo profissional da Funai que, só se pronunciará quando de sua conclusão, conforme declarações do delegado Benamour, que se defende como pode. É um direito seu "estribuchar".

Como ficou caracterizado, pela interferência da UBE, em assuntos alheios a sua alçada, Kléon Maryan está mais interessada na evolução do episódio do que o próprio delegado Benamour. Enquanto, o sertanista diz que "não tenho nada a declarar", a escritora tem tudo a falar - indiretamente, em nome da Funai.



Em atenção ao meu público

Fiel aos princípios da ética jornalística, não aceito qualquer tipo de polêmica através da imprensa. Isto porque, quase sempre as polémicas são estêreis e a nada conduzem. E muitas vezes, desviando-se do tema central servem, apenas, para desabafo de frustrações pessoais o que, por todos os lados julgo inoportuno.

Há, ainda, a considerar que minhas opiniões e meus conceitos não são questionáveis, pois, todo meu trabalho está alicerçado naquela sábia princípio de Santo Tomás de Aquino, inserido em sua Suma Teológica: "recta ratio factibilium".

Todavia, em atenção ao meu público e aos amigos, houve por bem abrir uma exceção, apenas, para confirmar, de uma vez por todas, as declarações anteriormente publicadas (Não foi Nota).

Ora o que se evidencia é que o alvo da nota do SDDHR e da CIMI não foi a defesa da Índia, mas o ataque à minha pessoa à Kléon Maryan, pois se assim não fosse esta deveria ser completamente ignorada. Acrescente-se que confessadamente o (s) redator (s) da nota desconhecem a veracidade, ou não, da informação, e, portanto não teriam condição de insinuar que por defender uma opinião fui manipulada. Desconhecem também que outros jornalistas negaram-se a veicular a matéria por considerá-la tão somente sensacional, consócios que são da que é dever de todo profissional verificar a idoneidade da matéria. Fica evidente, porém na nota o que se costuma chamar de patulhamento ideológico, ou seja,

— É claro que quem possui viseiras não consegue ver os lados o que se explica façam um escarceu por minhas opiniões expressas num jornal e que estejam ausentes dos problemas que dizem respeito aos índios.

É claro também que, maniqueístas como são, acham que deve se estar sempre contra qualquer órgão ou autoridade, de vez que por definição pertenceu ao governo está errado sem nenhum critério sobre as ações. Triste realidade a destes moços de formulas prontas e de grandes arroubos no papel e de grandes contradições nos atos.

Isto posto, aqueles que ocultam por trás de duas siglas - e dando conotações tendenciosas à posição por mim assumida -, tentaram macular o bom nome da entidade que tenho a honra de presidir, sugiro a leitura e meditação do Evangelho segundo São Mateus, Capítulo 23, Versículos 1 a 15 e 23 a 27, que transcrevo "ipsis verbis":

"Dirigindo-se, então, Jesus à multidão e aos seus discípulos, disse: Os Escribas e os Fariseus sentaram-se na cadeira de Moisés. Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois, dizem e não fazem. Atam fardos pesados e esmagadores e com eles sobrecarregam os ombros dos homens, mas, não querem movê-los sequer com o dedo. Fazem todas as suas ações para serem vistos pelos homens; por isso trazem largas faixas e longas franjas nos seus mantos. Gostam dos primeiros lugares nos banquetes e das primeiras cadeiras nas sinagogas. Gostam de ser saudados nas praças públicas e de serem chamados

de Mestre, porque só tendes um Mestre, o Cristo. O maior dentre vós será vosso servo. Aquele que se exaltar, será humilhado e aquele que se humilhar, será exaltado.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas. Vós fechais aos homens o reino dos céus; vós mesmos não entraís e nem deixais que entrem os que querem entrar.

Ai de vós escribas e fariseus hipócritas. Devorais as casas das viúvas, fingindo fazer longas orações. Por isso sereis castigados com muito maior rigor.

Ai de vós escribas e fariseus hipócritas. Pagais o dzimo da hortaliça, do endro e do cominho e desprezais OS PRECEITOS MAIS IMPORTANTES DA LEI: A JUSTIÇA, A MISERICÓRDIA E A FIDELIDADE. Eis o que era preciso praticar em primeiro lugar, sem contudo deixar o restante. Gulas cegas. Filtrais um mosquito e engóis um camelo.

Ai de vós escribas e fariseus hipócritas. Limpais por fora o copo e o prato e por dentro estais cheios de roubo e de intemperança. Fariseu cego. Limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o que está fora fique limpo.

Ai de vós escribas e fariseus hipócritas. Sois semelhantes aos sepulcros caiados: por fora parecem formosos, mas, por dentro estão cheios de ossos, de cadáveres e de toda espécie de podridão. Assim também vós, por fora pareceis justos aos olhos dos homens, mas, por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.

AI DE VÓS ESCRIBAS E FARISEUS HIPÓCRITAS.

